

MÁRCIO MOREIRA ALVES

Conversas de latinos

Enrique Iglesias, presidente do BID, conta ter verificado como o real está exageradamente valorizado frente ao dólar no aeroporto de Manaus: "Paguei um real e meio por uma água de coco. São US\$ 2,00. Isso é preço de coco na Alemanha. No Brasil é um absurdo".

Não se deve desprezar o valor das observações de detalhes para instruírem julgamentos gerais. Um grande investidor mexicano, ao ser acusado de ter sabido com antecedência da desvalorização do peso, justificou as medidas defensivas que tomara com um argumento deste tipo: "Quando vi tortilhas fabricadas nos Estados Unidos sendo vendidas nas ruas do México, percebi como o peso estava valorizado e tomei as minhas providências".

Essas conversas sobre relações cambiais, a crise mexicana e seus desdobramentos no Mercosul e no Chile nasceram do relato dos encontros que Iglesias teve com o presidente Zedillo, do México, e Fernando Henrique nos últimos dias. Iglesias está impressionado com a rapidez e a extensão da ajuda americana ao México. Quase de imediato, buscando a sustentação de emergência do peso, liberaram 18 bilhões em **swaps**, que são empréstimos de curto prazo, a serem pagos, em princípio, em seis meses. Agora, o governo Clinton negocia com o Congresso, controlado pelo Partido Republicano, um pacote de mais de US\$ 40 bilhões a longo prazo. Os papéis do governo mexicano seriam garantidos pelo Tesouro dos Estados Unidos. "Uma ajuda desse tipo é absolutamente inédita", diz Iglesias. "O único precedente foi um empréstimo de 10 bilhões para o programa de habitações populares de Israel, também garantido

pelo Tesouro."

Fernando Henrique recebeu na segunda-feira não só Iglesias como outros participantes do seminário sobre segurança humana global que se encerrou ontem, no auditório Petrônio Portela do Senado. O senador José Octavio Bordón, candidato opositorista à presidência da Argentina, e Gabriel Valdez, presidente do Senado do Chile, fundador do Partido Demócrata Cristão que está no poder e um dos mais respeitados políticos latino-americanos, encontraram um homem sereno, muito à vontade no poder e otimista quanto às possibilidades do Brasil superar as dificuldades econômicas que enfrenta.

O otimismo presidencial não afastou todos os receios dos visitantes. O economista uruguaio Eduardo Aberthal, velho observador da política brasileira, tem três receios: quanto à dificuldade de se renovarem os empréstimos de curto prazo que vencem em 1995; quanto à capacidade da equipe econômica reajustar o câmbio a tempo de evitar **deficits** comerciais capazes de comprometer as reservas; quanto às possibilidades de serem aprovadas as mudanças constitucionais indispensáveis ao reajuste fiscal. Iglesias, mais comedido, fala da baixa capacidade de poupança das economias latino-americanas, brasileira, inclusive, o que seria um freio para o seu desenvolvimento.

Difícil foi explicar aos visitantes que a Receita Federal e o Ministério da Indústria e Comércio perderam o rastro de mais de US\$ 1 bilhão nas contas da balança comercial de dezembro e, ao mesmo tempo, afirmar que temos um governo sério. A saída foi dizer que o pessoal é muito distraído.

Coisas de **mestra** América.

CORREIO BRAZILIENSE

18 JAN 1995